

MARIA DE LOURDES PINTASILGO

A pasta dos Assuntos Sociais foi a primeira a ser confiada a uma mulher no Governo português. A Engenheira Maria de Lourdes Pintasilgo veio abrir um caminho que na prática, se não na teoria, estava vedado às mulheres. A sua única aparição na TV, falando sobre os objectivos do seu Ministério, foi suficiente para convencer o país de que as suas qualidades de técnica estão aliadas a outras de compreensão e humanismo, indispensáveis à solução dos muitos problemas sociais que o Governo Provisório enfrenta.

"Eu não creio que o cargo ministerial que ocupo estivesse propriamente vedado às mulheres. O que acontece é que, em todo o mundo e em todos os sectores da vida social, quanto mais se avança para as estruturas de tomada de decisão, mais se verifica a ausência de mulheres. Isto deve-se a múltiplos factores e em primeiro lugar a uma verdadeira discriminação. Não considero porém que, pelo facto de uma mulher ser ministro, se possa dizer que a situação das mulheres melhorou substancialmente. Numa interpretação um pouco maquiavélica da realidade, podemos até dizer que "simbolicamente" as mulheres estão representadas, mas de facto não estão presentes.

"Quanto ao facto de ser uma mulher a ocupar o cargo, acho que isso é importante aqui, como noutros sectores. Também tive a ocasião de ser a primeira mulher a trabalhar num conjunto fabril da maior empresa portuguesa, e evidentemente que a repercussão imediata foi: "as mulheres, afinal, também são capazes". Tenho a impressão de que isto não é o mais importante para nós, mulheres. O mais importante não é a avaliação da nossa capacidade, nem uma verificação de que temos as mesmas possibilidades que os homens, pois isso deve ser evidente, mas antes a certeza de que estamos a contribuir tanto quando podemos, como pessoas, para o progresso do País, para a vida nacional, em última instância para a felicidade geral. É nesse sentido que eu considero importante o facto de ter sido a primeira Ministra.

"É claro que as repercussões na minha vida pessoal foram muito grandes. Estão a ser muito grandes. Dois exemplos: naturalmente, entendo que uma vida intelectual não pode viver sem um certo trabalho manual. Desde há vários anos e apesar do estatuto social de mulheres, consideradas "intelectuais" como eu, eliminar um certo contacto com os trabalhos manuais, havia trabalhos domésticos que, naturalmente, realizava. Evidentemente, na fase actual, nas tarefas presentes e a realizar, isso é completamente impossível. Essa vida gravita toda à volta de preocupações que são mais de natureza mental ou executiva. Essa parece-me ser a repercussão mais quotidiana. A segunda foi a de me obrigar a ver o limite do que se chama "o poder"... As minhas ideias e as minhas intenções dirigem-se, desde a minha juventude, para tentar realizar maior justiça social, contribuir tanto quanto possível para a solidariedade entre as pessoas. As formas que tem tido na minha vida tal acção são múltiplas. Na função que exerço, tenho à minha frente um campo vastíssimo, é certo. Mas em cada dia aprendo mais que nada posso fazer sem a colaboração não só dos que trabalham comigo nas mesmas equipas, mas também sem a acção dos próprios pessoas cujas vidas desejo melhorar.

Nesta nota de firme apelo à consciencialização, terminamos um depoimento que será continuado e alargado a outros temas do maior interesse, no próximo número da nossa revista.



Foi um ano feliz, para ela como para muitos de nós. Particularmente feliz por, a par das transformações na sociedade portuguesa, se ter dado a sua reintegração na Emissora Nacional, de onde fora afastada há longos anos.

"Foi logo a seguir à guerra e as razões nunca me foram explicadas. O documento que recebi dizia apenas que se tratava de "conveniência de serviço"... Esta chamada, agora, não p... a deixar de me tornar feliz. Na Emissora, pedi e foi-me concedido fazer um serviço especial para os núcleos portugueses no estrangeiro. Cinco vezes por semana vai para o ar um programa que tem sido muito importante, numa altura em que os nossos emigrantes estão a ser bombardeados por boatos alarmistas e mal-intencionados. Não calcula como a nossa acção tem sido bem recebida e, sobretudo na altura em que se deu a greve dos correios em França, como senti a proximidade que mantemos com os nossos emigrantes. As famílias procuravam-me, para enviarem as suas mensagens."

Jornalista, Etelevina Lopes de Almeida recorda a sua passagem pelo semanário "Modas & Bordados", de que foi afastada por exigência do Dr. Paulo Rodrigues, então Secretário Nacional da Informação.

"Foi-me retirada a confiança da Censura por ter assinado um documento sobre a democratização do país. É curioso, agora, comparar esse documento com o programa do Movimento das Forças Armadas e ver quantos pontos de paralelismo há entre ambos!"

Socialista, Etelevina acredita que o Partido Socialista Português poderá corresponder às carências e às necessidades do nosso povo.

"Não pretendemos um socialismo de cópia, traçado segundo este ou aquele movimento estrangeiro; um socialismo de base marxista, sim, mas implantado na realidade portuguesa. Talvez o ponto mais alto da minha actividade deste ano tenha sido o contacto com o povo rural, sobretudo o do Alentejo, onde nasci. Voltar a falar com o povo puro e não poluído dos nossos campos. Sentir a sua adesão e verificar a presença de muitas mulheres (às vezes até mais numerosas do que os homens) nas sessões de esclarecimento.

"Para 1975? Gostaria de poder ajudar a construir uma nação socialista, onde todos os trabalhadores tivessem lugar. Pessoalmente, não tenho quaisquer desejos a formular. Acho que todos os votos pessoais quebraam de interesse perante o interesse colectivo. Temos que passar a ser "nós" e não "eu".

ETELVINA LOPES DE ALMEIDA



MARIA TERESA HORTA



Foi uma figura polémica, no panorama deste ano de 1974, sobretudo pela discussão que se levantou em redor da publicação das "Novas Cartas Portuguesas". Mas a actividade de Maria Teresa Horta transcendeu muito esse facto que foi aproveitado por muitos com o elemento de especulação e é por todo um conjunto de actividades muito válidas que o seu nome surge nesta lista: autora-crítica-líder feminista...

"A minha qualidade de militante feminista é o que mais me interessa presentemente. As minhas outras actividades estão subordinadas ou ao serviço desta. Este ano foi o meu início de militância ao serviço de uma ideia que tenho estudado e sobre a qual me debruço há muito tempo. Foi uma experiência extraordinária, que me deu a oportunidade de realizar o que estava apenas em potência. Não totalmente, é evidente, pois o movimento feminista em Portugal está ainda no início e as actividades dos movimentos feministas são sempre muito coartadas e as ideias censuradas. Mesmo neste momento de aparente liberdade. Sobretudo na imprensa, dominada por redacções masculinas nota-se essa contra-corrente. Mas é uma luta emocionante, combater-se por algo em que se acredita. Uma coisa é pensar e observar; outra é lutar.

"Como autora, sinto que foi um ano muito importante. Terminou a censura, e isso representa finalmente a liberdade de escrever. O 25 de Abril fez-me sentir que tudo o que eu tinha guardado na gaveta podia finalmente ser posto na rua. E tinha muito... O final do ano foi marcado por uma avalanche de acontecimentos: uma viagem ao Brasil para lançamento da edição brasileira de "Minha Senhora de Mim" e das "Novas Cartas" e o contacto com grupos feministas do Brasil; um disco feminista com dois poemas meus "As Mulheres Guerrilheiras" e "A Solidão da Mulher", cantados pela Teresa Paula Brito, que é um marco importante na nossa batalha e que eu considero um trabalho que me deu muita satisfação; a publicação de uma novela que tinha sido encomendada e depois recusada pelo editor, ainda durante o regime anterior, por puro medo...

"Como crítico literário, continuo com a minha crítica semanal na "Flama", uma crítica de carácter feminista que visa desmistificar o machismo na literatura mundial, para além do aspecto puramente literário. O único ponto negativo para mim, este ano, é o facto de o "Expresso" ter decidido terminar com a crítica literária. Aí, procurei fazer um trabalho puramente literário, de apreciação crítica honesta, que aliás me trouxe vários dissabores e ataques de ordem pessoal. Tenho pena, porque procurei fazer um trabalho de aproximação do leitor médio, não para uma elite intelectual, mas sim tendo em respeito o leitor do jornal. Não é sendo obscuro, difícil, que se chama o leitor para a literatura, mas através de uma apreciação emotiva mas sincera e honesta, dizendo mal do que é mau e bem do que é bom, independentemente de conceitos pessoais de amizade.

Também nós lamentamos, profundamente, que a coluna de crítica de Maria Teresa Horta tenha deixado de marcar lugar nas páginas do "Expresso"...

"O ano que vem será mais um ano de actividade, de luta, de oportunidades. O meu livro "Educação Curricular e Futuro" nunca poderia sair para a rua se não se tivessem dado estas transformações no nosso país. Agora, abre-se um campo inteiramente novo.

Jurista interessada especialmente pelos problemas da mulher, a Dra. Elina Guimarães mantém há cerca de cinco anos uma coluna no "Diário Popular" que tem sido um porta-estandarte dos direitos da mulher e em que se têm apontado muitas das injustiças a que o código civil português sujeita a mulher. Filha única de um pai esclarecido, a Dra. Elina Guimarães formou-se em Direito, sendo colega de curso daquele que viria a ser depois seu marido, o Professor Adelino da Palma Carlos.

"Creio que o meu interesse pelos direitos da mulher despertou quando li uma notícia sobre as sufragistas inglesas, teria eu então uns seis ou sete anos, já lá vão mais de sessenta, portanto! A explicação que o meu pai me deu então (são mulheres que lutam pelo direito que todas as mulheres devem ter a estudarem o mesmo, trabalharem o mesmo e ganharem o mesmo que os homens) fez-me descobrir que havia uma situação de discriminação contra a mulher. Essa discriminação, em grande parte, ainda se mantém. Quer um pormenor significativo? Quando eu me formei, éramos cinco raparigas, no meu curso. Aposto que a proporção, hoje em dia, não é muito maior.

"Nunca exerci a advocacia, mas trabalhei muito com o meu marido. Depois, mais tarde, surgiu a oportunidade de escrever para o "Diário de Lisboa", um trabalho muito complexo, até, sobre o ante-projecto do código civil que estava para sair. Eu dei uma opinião, bastante severa até, sobre o projecto, sobretudo em tudo o que se referia às mulheres. Aliás, houve muita coisa que foi alterada, em função dessas críticas..."

Não tudo, evidentemente, e os comentários incisivos que temos lido no "Diário Popular", assinados por Elina Guimarães, são bem prova disso.

"Foi em 1970 que eu comecei a escrever regularmente para o "Diário Popular" e devo dizer-lhe que é um trabalho que me interessa muito e que me tem posto em contacto com muitos problemas que vêm demonstrar a situação de inferioridade em que a mulher se encontra, em relação ao homem. Sobretudo a mulher-mãe e mais ainda a mãe casada, que não tem quaisquer direitos sobre o seu filho!"

Este ano de 1974 trouxe-lhe a sensação da liberdade enfim conquistada:

"Senti finalmente que deixava de ser uma mulher "fora da lei". Para usar uma frase feita, posso dizer que pensei que agora sim, posso morrer, porque os meus olhos viram a salvação. O cargo que o meu marido aceitou no Primeiro Governo Provisório, considerei-o não como uma honra, mas como um sacrifício e um dever. Uma vez escrevi num artigo "quando olho para as minhas mãos vazias, o que eu lamento não é o que não pude receber, é o que não pude dar". Acho que este ano que vem nos vai exigir a todos que demos o nosso melhor."

ELINA GUIMARÃES



Para Dorita de Castel-Branco, o ano de 1974 ficou marcado pela realização de uma exposição ao ar livre, no Parque Eduardo VII de Lisboa, projecto que acarinhava já há algum tempo. Para falar deste ano que passou, combinámos um encontro com ela num banco frente ao relvado verde, vazio agora das cinco formas vibrantes que o animaram de Outubro a princípios de Novembro. Mas, para nós Dorita é muito mais do que esta exposição:

"A minha vida é como a minha escultura, não sei onde uma começa e outra acaba. É uma renovação de forças, uma luta sem tréguas contra os esmorecimentos naturais num meio em que a escultura ainda provoca uma certa reserva.

"Através da minha evolução do figurativo para o abstracto, fui-me descobrindo e descobrindo o mundo, os outros e tantas coisas mais...

"A exposição que fiz no Parque Eduardo VII, constava de cinco peças em plástico, a que dei o nome de "Os Meus Sólidos Geométricos": uma espécie de geometria humana. Do mesmo modo que o rosto e o corpo humano têm merecido por parte dos artistas plásticos um tratamento geométrico, procurei dar à geometria e aos diversos sólidos um tratamento humano nos seus espaços. Toda a minha escultura tem sido um intenso trabalho de pesquisa e ainda não parei."

"A minha tendência para a escultura monumental acarreta-me grandes problemas. As peças de grandes proporções parecem perder a sua respiração numa sala. Flutuam, como mortas por afogamento. Em 1973, fiz uma exposição no parque da Fundação Gulbenkian, em que a minha escultura encontrou o seu "habitat". Este ano, desejei um espaço ainda maior, mais largo e consegui-o. Quero que a minha escultura seja um "porto-franco" — aberto a todos e aberto a Lisboa, entre as suas colinas e o Tejo. Por isso gostaria de me poder abstrair das preocupações materiais. Gostaria de ser uma artista-funcionária, que trabalhasse integrada num esquema cultural que me libertasse da preocupação financeira, de ter ou não meios de preparar a próxima exposição, de escolher ou aquele material."

"Para além disto, que mais quer saber de mim? Além de fazer escultura sou professora na Escola de Artes Decorativas António Arroio. Vivo com o meu filho, agora com sete anos e é ele que me vai dando as maiores alegrias quando a escultura as não dá ou que as acrescenta quando vejo que o meu trabalho é compreendido".

DORITA DE CASTEL-BRANCO



PIEDADE FERNANDES

No mundo do comércio, não são muitas as mulheres que encontram em si próprias a coragem (e nos que as rodeiam, o estímulo...) para se lançarem em largos voos. É por isso natural que seja para nós um prazer encontrar nesta "galeria" informal uma mulher que, no ano de 1974, multiplicou os seus esforços e soube conduzir inteligentemente e com sucesso a sua casa comercial. A primeira Sapataria Piedade abriu em Março: ao terminar o ano, Piedade Fernandes tinha aberto mais duas casas, firmado contrato com Eusébio e Hilário para a venda de calçado de desporto e estabelecido contactos para a venda dos seus sapatos no Porto. Conhecemo-la de há muito: ela foi, durante anos, o braço direito de uma outra mulher enérgica e dinâmica, que lançou as Sapatarias "Mariazinha". Discreta, eficiente, amável, sempre pronta a atender as suas clientes, Piedade fez uma aprendizagem inteligente que lhe serve de base para se lançar agora, por sua vez:

"Eu penso que tive realmente tanto êxito porque me esforcei muito, trabalhei imenso na casa onde estive e as minhas clientes estavam tão agarradas a mim que, quando modifiquei a minha vida, toda elas vieram comigo. As casas de costura também me ajudaram imenso, abrindo-me as portas das suas passagens de modelos, como o caso da Candidinha, do Sérgio Sampaio, da Carmen Modas, etc., que me proporcionaram assim um lançamento muito importante. Eu acho que é essencial ter a venda dos sapatos estreitamente ligada às tendências da moda. É isso que nos leva a procurar o melhor, a variar as nossas colecções e interessar as clientes. Presentemente trabalho com umas sete fábricas na área de Lisboa e outras em S. João da Madeira. Os meus modelos são escolhidos por mim e, aliás, muitas vezes desenhados por mim.

"Abri a sapataria do Areeiro no dia 10 de Março, mas passado pouco tempo comecei a ver que não tinha de forma alguma o espaço que se tornava já necessário para atender as minhas clientes. Além disso, gostava de ter também secções de homem e criança e por isso abri a loja da Rua Morais Soares. Aí surgiu também a oportunidade da sociedade com o Eusébio e o Hilário, para o calçado de desporto. E, finalmente, apareceu-me aquela loja tão bonita na Álvares Cabral, que correspondia exactamente ao que eu desejava... Como tenho muitas clientes na Estrela resolvi ir para a frente!

"Não tenho tido motivos para me arrepender. Sei que há sectores do comércio que se queixam, mas só lhe posso dizer que as minhas vendas têm sido muito satisfatórias. E afinal, porque não? As pessoas precisam de se calçar, de se vestir... Não vejo porque se há-de enveredar por um caminho pessimista.

"Para mim, o Inverno acabou; agora estou já a trabalhar em força para a próxima estação. Como novidades, vamos ter a invasão dos tecidos tipo "jeans", que já surgiram o ano passado mas que este ano aparecem em novas versões, com bordados e estampados muito bonitos. Vamos ter uma moda bonita o que abre boas perspectivas tanto para as compradoras... como para mim."

Pés (elegantemente calçados...) assentes no chão, Piedade é uma mulher de negócios que o ano de 1974 revelou e a quem prestamos o nosso aplauso.

